

LITURATERRA [Resenha: 2020, 3, 1]

Dois ensaios de Patrick Valas: “Quem é inanalísável?” e “Lacan e o chinês” (2013-2020)

DOI: 10.15175/1984-2503-202012309


Pedro Dalla Bernardina Brocco*

LITURATERRA [Resenha: 2020,3,1]

As resenhas, passagens literárias e passagens estéticas em *Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica* são editadas na seção cujo título apropriado é LITURATERRA. Trata-se de um neologismo criado por Jacques Lacan,¹ para dar conta dos múltiplos efeitos inscritos nos deslizamentos semânticos e jogos de palavras tomando como ponto de partida o equívoco de James Joyce quando desliza de *letter* (letra/carta) para *litter* (lixo), para não dizer das referências a *Lino*, *litura*, *liturarios* para falar de história política, do Papa que sucedeu ao primeiro (Pedro), da cultura da *terra*, de estética, direito, literatura, inclusive jurídicas – canônicas e não canônicas – ainda e quando tais expressões se pretendam distantes daquelas religiosas, dogmáticas, fundamentalistas, para significar apenas dominantes ou hegemônicas.

LITURATERRA [Reseña: 2020,3,1]

Las reseñas, incursiones literarias y pasajes estéticos en *Passagens: Revista Internacional de Historia Política y Cultura Jurídica* son publicadas en una sección apropiadamente titulada LITURATERRA. Se trata de un neologismo creado por Jacques Lacan para dar cuenta de los múltiples efectos introducidos en los giros semánticos y juegos de palabras que toman como punto de partida el equívoco de James Joyce cuando pasa de *letter* (letra/carta) a *litter* (basura), sin olvidar las referencias a *Lino*, *litura*, *liturarios* para hablar de historia política, del Papa que sucedió al primero (Pedro), de la cultura de la *terre* (tierra), de estética, de derecho, de literatura, hasta jurídica - canónica y no canónica. Se da prioridad a las contribuciones distantes de expresiones religiosas, dogmáticas o fundamentalistas, para no decir dominantes o hegemónicas.

* Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal Fluminense (PPGSD-UFF). Psicanalista, associado ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção Rio de Janeiro. E-mail: pbrocco@uol.com.br.  <https://orcid.org/0000-0002-0690-6976>

¹ LACAN, Jacques. *Outros Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003, p. 11-25. LACAN, Jacques. *Autres Écrits*. Paris: Seuil, 2001.

Recebido em 10 de setembro de 2019 e aprovado para publicação em 21 de julho de 2020.

LITURATERRA [Review: 2020,3,1]

The reviews, literary passages and esthetic passages in *Passagens: International Journal of Political History and Legal Culture* are published in a section entitled LITURATERRA [Lituraterre]. This neologism was created by Jacques Lacan, to refer to the multiple effects present in semantic slips and word plays, taking James Joyce's slip in using *letter* for *litter* as a starting point, not to mention the references to *Lino*, *litura* and *liturarius* in referring to political history, to the Pope to have succeeded the first (Peter); the culture of the *terra* [earth], aesthetics, law, literature, as well as the legal references – both canonical and non-canonical – when such expressions are distanced from those which are religious, dogmatic or fundamentalist, merely meaning 'dominant' or 'hegemonic'.

LITURATERRA [Compte rendu: 2020,3,1]

Les comptes rendus, les incursions littéraires et les considérations esthétiques *Passagens. Revue Internationale d'Histoire Politique et de Culture Juridique* sont publiés dans une section au titre on ne peut plus approprié, LITURATERRA. Il s'agit d'un néologisme proposé par Jacques Lacan pour rendre compte des multiples effets inscrits dans les glissements sémantiques et les jeux de mots, avec comme point de départ l'équivoque de James Joyce lorsqu'il passe de *letter* (lettre) à *litter* (détritus), sans oublier les références à *Lino*, *litura* et *liturarius* pour parler d'histoire politique, du Pape qui a succédé à Pierre, de la culture de la *terre*, d'esthétique, de droit, de littérature, y compris juridique – canonique et non canonique. Nous privilégierons les contributions distantes des expressions religieuses, dogmatiques ou fondamentalistes, pour ne pas dire dominantes ou hégémoniques.

文字国 [图书梗概: 2020,3,1]

Passagens 电子杂志在“文字国”专栏刊登一些图书梗概和文学随笔。PASSAGENS— 国际政治历史和法学文化电子杂志开通了“文字国” 专栏。“文字国” 是法国哲学家雅克·拉孔的发明，包涵了语义扩散，文字游戏，从爱尔兰作家詹姆斯·乔伊斯的笔误开始，乔伊斯把letter (字母/信函)写成了litter (垃圾)，拉孔举例了其他文字游戏和笔误，lino, litura, liturarios, 谈到了政治历史，关于第二个教皇(第一个教皇是耶稣的大弟子彼得)，关于土地的文化 [Cultura一词多义，可翻译成文化，也可翻译成农作物]，拉孔联系到美学，法学，文学，包括司法学— 古典法和非古典法，然后从经典文本延伸到宗教，教条，原教旨主义，意思是指那些占主导地位的或霸权地位的事物。

Dois ensaios de Patrick Valas: “Quem é inanalísável?” e “Lacan e o chinês”² (2013-2020)

Pedro Brocco

Ao longo dos últimos sete anos, Patrick Valas³ publicou dois ensaios que se articulam de forma muito rica e interessante: em 2013, aparece em seu site pessoal⁴ – um exuberante arquivo de obras, excertos, ensaios, estudos e registros de áudio sobre a psicanálise e o ensino de Jacques Lacan –, o texto intitulado *Quem é inanalísável? “Os japoneses e os católicos”. Jacques Lacan*, que faz um instigante paralelo entre a tradição católica, a escrita do Ego na língua inglesa e o eu que Joyce se constrói, e a língua japonesa, no que Valas observa que “é sobre as propriedades desta língua que Lacan vai se apoiar para escrever na *Lituraterra* que no Japão ‘o sujeito é dividido, como em tudo pela língua, mas um de seus registros pode se satisfazer da referência à escritura, e o outro, da palavra”.

Em 1 de agosto de 2020,⁵ Valas publicou em sua página pessoal do *Facebook* o ensaio intitulado *Lacan et le chinois (essai)*, notável em sua síntese sobre o atravessamento da língua chinesa no ensino de Lacan, além de retomar, depois de sete anos, a temática desenvolvida em *Quem é inanalísável?* Para Lacan, não pelas mesmas razões, os “verdadeiros católicos” e os japoneses seriam inanalísáveis. Os “verdadeiros católicos”, por já terem se formado por um sistema do qual, segundo Lacan, “já buscamos sobreviver com a análise de Freud”.

Se não há linguagem que pode dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro, uma vez que a verdade “se funda pelo fato de que fala”, como observa Lacan em *A ciência e a verdade*, onde está o “verdadeiro católico”? Sobre isto, cabe citar uma passagem, ao final do Seminário ... *ou pior*, onde, aliás, Lacan aborda a figura do *inan-alísável* em 8 de março de 1972:

² Tradução para o português e notas por Pedro Brocco. Agradeço ao autor por gentilmente conceder permissão para a reprodução de seus textos em português a partir de minha tradução.

³ Patrick Valas nasceu em Hanói, na Indochina, durante a Segunda Guerra Mundial. Foi repatriado com sua família na França em 1946. Formou-se em psiquiatria na Faculdade de Medicina de Paris e fez sua análise e supervisão com Jacques Lacan. Atualmente exerce a psicanálise em Paris.

⁴ <http://www.valas.fr/>.

⁵ Cabe fazer uma diferenciação entre dois ensaios que possuem praticamente o mesmo título: Patrick Valas tem em seu site um texto cujo título é *Lacan et le chinois*, (VALAS, 2011) e cujo *link* está disponibilizado nas referências ao final desta introdução. No entanto, o texto traduzido e que é aqui apresentado como anexo a esta introdução foi publicado na página pessoal do autor no *Facebook* no dia 1 de agosto de 2020 e tem como título *Lacan et le chinois (essai)* e será assim traduzido: Lacan e o chinês (ensaio). Poderíamos também ler o termo *essai* como tentativa, aproximação.

O termo *irmão* está em todos os muros, *Liberdade, igualdade, fraternidade*. Mas eu lhes pergunto, na situação da cultura em que nos encontramos: de quem somos irmãos? De quem somos irmãos, em todos os discursos que não o discurso analítico? Será que o patrão é irmão do proletário? Não lhes parece que a palavra *irmão* é justamente aquela a que o discurso analítico dá sua presença, nem que seja por trazer de volta a tralha familiar? Vocês acham que é simplesmente para evitar a luta de classes? Estão enganados, isso decorre de muitas outras coisas que não a barulheira familiar. Somos irmãos de nosso paciente na medida em que, como ele, somos filhos do discurso (LACAN, 1972/2012, p. 226).

O percurso feito por Valas nestes dois ensaios, lidos sistematicamente, apresenta em uma mesma medida sutileza e grande envergadura teórica, pois o acompanhamos pelo ensino de Lacan desde o primeiro seminário ao último esquema desenhado no quadro, *estranhamente parecido com uma escrita caligráfica*.

Não podemos deixar de notar que o autor aproxima a escrita de caracteres chineses, traço de diferença absoluta, aos traços de memória utilizados por Freud como constituintes do inconsciente. Sabemos que Lacan estudou a língua chinesa desde os anos 1940, fato que parece ter atravessado toda a sua obra, ao ponto de ter afirmado, no Seminário *De um discurso que não fosse semblante* (LACAN, 1971/2009), que não seria lacaniano se não tivesse estudado chinês.⁶

Assim, passando por Joyce, Saussure, a influência dos estoicos e a estrutura das línguas que utilizam a escrita de caracteres, Valas chegará, ao final dos ensaios, ao fato de Lacan ter afirmado a François Cheng que, se este entendeu Lacan, estava perdido, ferrado, em relação à sua língua materna (chinês). Seu ensaio *Lacan et le chinois (essai)* (VALAS, 2020), além de retomar o mesmo ponto depois de sete anos, apresenta ao leitor, com novo frescor, a questão relativa ao inconsciente e à linguagem.

A mensagem de boas-vindas do site pessoal de Valas tem como título *Ici vient quiconque*: aqui vem alguém, qualquer um, quem quer que seja, composta por dois trechos: o primeiro de Lacan (1972-1973/1975), retirado do Seminário 20, *Encore*, e outro seu, que aqui reproduzo para relançar a questão do inconsciente e a existência e exercício da psicanálise, mais uma vez, ainda:

Quando os psicanalistas compreenderão que seu saber, acumulado desde o primeiro dia de sua invenção por Freud, e depois dele pelos milhares e milhares de pacientes ouvidos por milhares e milhares de praticantes, por mais de um século, e em todas as línguas do mundo, não lhes pertence? Que a novidade desse conhecimento faz parte da herança da humanidade. Que não pode ser privatizado. Mesmo pelos chamados herdeiros. Que deve escapar do comércio cultural, bem como da justiça distributiva, ou mesmo da acusação de plágio para quem quiser

⁶ Conferir neste sentido o Prefácio de Gilson Iannini (2016) ao livro de Cleyton Andrade, *Lacan Chinês*.

usá-lo, como bem entender. O principal objetivo deste site é colocá-lo ao alcance de qualquer um que venha adquiri-lo.⁷

Referências

IANNINI, Gilson. Prefácio. In: ANDRADE, Cleyton. *Lacan Chinês: poesia, ideograma e caligrafia chinesa de uma psicanálise*. Maceió: EDUFAL, 2016. p. 15-24.

LACAN, Jacques. *O Seminário: de um discurso que não fosse semblante* (1971). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009. livro 18.

LACAN, Jacques. *Le séminaire de Jacques Lacan, livre XX: encore* (1972-1973). Paris: Seuil, 1975.

LACAN, Jacques. A ciência e a verdade. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1998. p. 869-892.

LACAN, Jacques. *O Seminário: ... ou pior* (1972). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2012. livro 19.

VALAS, Patrick. *Patrick Valas: Médecin, Psychiatre, Psychanalyste*. © 2009-2020. Disponível em: www.valas.fr. Acesso em: 22 ago. 2019.

VALAS, Patrick. *Lacan et le chinois*. 8 ago. 2011. Disponível em: <http://www.valas.fr/Lacan-et-le-chinois,214>. Acesso em: 13 ago. 2019.

VALAS, Patrick. *Lacan et le chinois (essai)*. 1 ago. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/pvalas/posts/3613177748716252>. Acesso em: 3 ago. 2020.

VALAS, Patrick. *Qui est inanalysable ? « Les japonais et les catholiques »*. Jacques Lacan. 27 jul. 2013. Disponível em: <http://www.valas.fr/Patrick-Valas-Qui-est-inanalysable,315>. Acesso em: 13 ago. 2019.

⁷ Patrick Valas, *Ici vient quiconque*, presente em <http://www.valas.fr/>.

Quem é inanalisável? “Os japoneses e os católicos” – Jacques Lacan

Patrick Valas

Lacan em seu seminário I, “os escritos de Freud”, disse isto:⁸

“Aceitei em análise logo após a última guerra – eu estava já nascido há muito tempo – três pessoas do Togo que ali haviam passado sua infância. Não pude apreender, em sua análise, traços de usos e crenças tribais, que eles não haviam esquecido, ou que conheciam, mas do ponto de vista do etnógrafo... o que quer dizer, tendo em vista o que eles eram: corajosos médicos que tentavam se filiar à hierarquia médica da metrópole, algo que não ignoramos – estávamos então no tempo colonial – que tudo estava feito para separá-los... aquilo que conheciam então ao nível do etnógrafo era mais ou menos perto daquele nível do jornalismo. Mas seu inconsciente funcionava segundo as boas regras do Édipo, é dizer, que era o inconsciente que nós lhes havíamos vendido junto com as leis da colonização, forma exótica do discurso do Mestre, de toda forma regressivo, em face do capitalismo que é justamente o que chamamos de imperialismo. Seu inconsciente não era mais aquele de suas impressões de infância... ali isso se tocava... mas sua infância retroativamente capturada em nossas categorias, ditas em francês ‘femme-il-iales’⁹. E desafio qualquer analista que seja... mesmo a pisar naquele solo... a me contradizer”.

Lacan não retoma aí senão que “a psicanálise, operando a partir do discurso que a condiciona, e que defini este ano ao pegá-lo por seu avesso, aí não obteremos outro mito senão este que resta em seu discurso: o Édipo freudiano”.

É assim que ele avançaria a partir de um termo em circulação à época, nas “sociedades etnográficas”, ditas aquelas não governadas por nosso bom e velho discurso do mestre moderno, onde não havia necessidade da psicanálise, pois o Édipo nada era que uma parte de um todo muito vasto de outros mitos para se apoiar.

Em seguida ele avança ao *De um discurso que não fosse semblante*¹⁰ – quem são inanalisáveis: “os verdadeiros católicos” e os japoneses.

Bem entendido não pelas mesmas razões, algo que ele articulará com um grande rigor.

Para os “verdadeiros católicos”:

“Em resumo, um católico verdadeiramente formado pelo catolicismo é inanalisável. Não há qualquer meio de capturá-lo pelo fim [*le bout*] de qualquer orelha.

⁸ O autor assim escreve: *Lacan dans son séminaire I « les écrits de Freud », dit ceci (...)*. O tema é tratado por Lacan em *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, p. 96.

⁹ *Familiales*.

¹⁰ *O Seminário*, livro 18.

JACQUES-ALAIN MILLER: Você já uma vez excluiu os japoneses da análise...

JACQUES LACAN: Eu já excluí os japoneses, certamente, mas por outras razões. Os verdadeiros católicos são inanalísáveis porque eles são já formados por um sistema do qual nós já buscamos sobreviver com a análise de Freud.

É ali nisto que Freud é um católico tímido, prudente. Ele fez passar ali uma corrente de ar fresco, mas no fim das contas seu aporte é do mesmo princípio, como vemos no *Mal-Estar na Civilização*:

Ele retorna ao fato de que simplesmente há qualquer coisa que não vai bem; ele é mesmo curioso, para usar uma palavra que você empregou, 'curious', que a análise seja a forma de sobrevivência no catolicismo. Nós veremos talvez um dia um papa que se dará conta e recomendará que todos se façam psicanalisar.

Mas para aqueles que são já formados, não há esperança para a análise. Talvez com o tempo ela chegará a se evaporar.

Gostaria de levantar uma outra questão que é a da tradução inglesa do Ich dos alemães por Ego.

Nós temos dado a isso um peso mais razoável na tradução por Eu. É aí que encontro a questão de todo modo relevante que marcou Jacques-Alain Miller, as relações de Stephen com James Joyce. Stephen Dedalus, não é isso a que chamamos comumente Ego?

Eu estaria bastante tentado a sustentar aí um imaginário redobrado, um imaginário de segurança, se pudermos assim dizer.

Será que Stephen Dedalus não faz em relação a James Joyce o papel de um ponto de sustentação [*point d'accrochage*], de um ego?

Será um ego forte como dizem os americanos, ou um ego fraco?

Creio que é um ego forte, tão forte que é um ego inteiramente fabricado.

É voltar à questão de onde parti: qual é a função do ego na formação católica?

Será que a formação católica não acentua esse caráter de certa forma móvel, destacável [*détachable*] do ego?

Salta aos olhos que os ingleses não tenham traduzido o Ich por I. Algo os deve ter impedido de fazê-lo, porque isso parece vir de si mesmo, alguma coisa da própria língua inglesa.

PHILIPPE SOLLERS – Em inglês, eles também mantiveram o latim para o isso [*ça*] e o supereu [*surmoi*].

JACQUES AUBERT – Isso tem a ver talvez com a tradição teológica inglesa, que, no essencial, não é católica.

PHILIPPE SOLERS – Em inglês, o I se escreve sempre com maiúscula mesmo no interior de uma frase.

JACQUES LACAN – Sim, mas isso não é uma explicação, pois os ingleses escrevem também ego com um E maiúsculo.

JACQUES-ALAIN MILLER – Em todo caso, gostaria de sublinhar que não há ambiguidade sobre o tipo de eu que Joyce se constrói ("se construir" figura no

Retrato): um eu que se constrói, o eu clássico dos romanos da educação, é um eu obsessivo.

JACQUES LACAN – É isso. Não obstante, o francês marca bem que o eu [*moi*] é no fim das contas determinado, que nós o escolhemos. É algo como um objeto. Pichon fez observações sobre isso que não são idiotas.

JACQUES-ALAIN MILLER – Ou seja, não me parece que ele fosse obsessivo, Joyce. Se ele se construiu um eu obsessivo, é um eu que não tem nada a fazer com sua estrutura. Sua pessoa perceptível, para usar os termos de Pichon, e sua pessoa desenvolvida, estofada [*étouffée*], não coincidem de forma alguma.

JACQUES AUBERT – Eu me pergunto se isso não é em parte fabricado pela educação católica, com base na Imitação de Jesus Cristo¹¹. (09/03/1976); INTERVENÇÃO APÓS EXPOSIÇÃO DE JACQUES AUBERT SOBRE JAMES JOYCE.”

Podemos reter daqui que a condição do sujeito é relacionada por Lacan ao discurso que o condiciona, e que a língua tem aí uma incidência primordial.

Os japoneses são inanalísáveis?

La psychanalyse au Japon. Entretien avec Kosuke Tsuiki, *Psychanalyse*, v. 7, n. 3, p. 69-86, 2006. <https://doi.org/10.3917/psy.007.0069>

A leitura deste texto (a qual recomendo), não prova que pudéssemos contradizer Lacan.

Houve japoneses que vieram à Europa fazer análise nos tempos de Freud, e na França junto aos “ditos lacanianos” após o desaparecimento de Lacan, é certo.

Como testemunha Kosuke Tsuiki: “Kosawa parte à Viena antes de seu mestre Marui, em 1932, para fazer uma análise com Richard Sterba e fazer uma supervisão [*passer un contrôle*] com Paul Federn. Freud, a quem ele se endereçou inicialmente, tinha lhe proposto uma tarifa preferencial de 10 dólares, no lugar de 25, mas ele só podia pagar 5 dólares, preço da análise junto à Sterba”.

Isso não nos diz se eles fizeram a análise em língua japonesa. Eles fizeram seguramente em sua língua de adoção, o que não demonstra nada.

Com efeito, a “ocidentalização” do planeta, através da língua inglesa, não se faz sem produzir o “homem unidi(to)mansional” [*«l’homme uni-di(t)mansionnel»*] (mansão aqui no

¹¹ Tal referência é importante, na medida em que a literatura devocional sobre a Imitação de Cristo teve grande circulação e influenciou Inácio de Loyola, fundador da ordem jesuíta, em sua conversão. Como sabemos, James Joyce teve uma educação católica em um colégio jesuíta, o Belvedere College, em Dublin. Joyce narra essa experiência em *Retrato do Artista Quando Jovem* (1916).

sentido de morada do dito), é dizer jamais ao estrangeiro, sempre e por todos os lados em casa, inteiramente forjado [*façonné*] pelo discurso capitalista.

De outra forma dito assujeitado a esse discurso que o separa de seus liames simbólicos específicos, ligados à “*lalangue*” maternal, e portanto à sua moral e costumes.

Como aqueles médicos togoleses de que nos falava Lacan, que faziam suas análises dentro das categorias do Édipo freudiano, que foram doadas pelo colonizador.

Lacan não é otimista em relação ao futuro da psicanálise, tendo em conta que a língua inglesa, que se torna universal, faz resistência de estrutura ao inconsciente. Ele diz nesses termos:

É de todo modo certo que nem os ingleses nem... eu não direi os psicanalistas ingleses, só conheço um que deve ser inglês ou melhor: ele deve ser escocês provavelmente!... Alíngua, eu creio que é alíngua [*lalangue*] inglesa que faz obstáculo. E isso não é muito otimista, porque alíngua inglesa está em vias de se tornar universal, quero dizer, ela fecunda sua via.

Enfim, não posso dizer que não há aqueles que não se esforçam de aí me traduzir. Aqueles que me leem, assim, de tempos em tempos, podem se dar... ter uma ideia, enfim, do que isso comporta como dificuldade de me traduzir n'alíngua inglesa. É preciso de toda forma reconhecer as coisas como elas são.

Eu não sou o primeiro a ter constatado essa resistência d'alíngua inglesa ao inconsciente. Eu fiz observações... enfim eu me permiti escrever qualquer coisa... que foi mais ou menos bem acolhida, como estou habituado... qualquer coisa no retorno de uma viagem ao Japão onde creio ter dito – para os japoneses – qualquer coisa que se opõe ao jogo, e mesmo ao manuseio do inconsciente como tal, nisso que eu chamei à época... num pequeno artigo que eu fiz, que saiu não sei mais onde, esqueci completamente... o qual chamei *Lituraterre*.

Cri ver, em uma certa – digamos duplicidade... duplicidade de – no caso d'alíngua japonesa – da pronúncia... cri ver aí qualquer coisa que... redobrada pelo sistema de escritura que é também duplo... cri ver aí uma certa especial dificuldade, especial dificuldade para jogar sobre o plano do inconsciente.

É preciso sublinhar aqui que a psicanálise de origem fala alemão, mas que ele, Lacan, conseguiu fazê-la falar. De modo que ele pode legitimamente afirmar ter salvado Freud do descrédito.

Para que a psicanálise passasse a outras línguas além do alemão ou o francês, talvez será preciso que os psicanalistas venham a fazê-la falar em suas próprias línguas?

Quanto à existência da psicanálise no Japão, Kosuke Tsuiki é mais que reservado, sublinhando mesmo que lá aqueles que exercem a psicanálise não são nem mesmo convencidos de que é preciso fazer uma análise pessoal para se tornar psicanalista.

Não prejudiquemos o estado presente nem o que sucede, pois tudo “é entregue à sorte no humano”.

Segundo Thierry Florantin,

[...] a língua japonesa pegou os caracteres chineses (Kanji) para a sua escritura; existem assim duas formas diferentes de ler o japonês:

O 'on-yomi', do qual a pronúncia repousa estritamente sobre o fonema do caractere chinês, e não evoca assim nada do japonês, pois ele não significa nada na língua.

O 'kun-yomi': tradução japonesa historicamente fixada, que é suposta dizer em japonês o que o caractere chinês quer dizer.

As duas escritas coexistem lado a lado em um texto. Os caracteres chineses são acompanhados, redobrados, da escritura da sua pronúncia, e assim de sua leitura.

É sobre as propriedades desta língua que Lacan vai se apoiar para escrever na *Lituraterra* que no Japão “o sujeito é dividido, como em tudo pela língua, mas um de seus registros pode se satisfazer da referência à escritura, e o outro, da palavra. O on-yomi é a referência à letra, ao passo que o kun-yomi faz referência ao Outro, o Outro da palavra, yomi querendo dizer ‘leitura’ em japonês”.

É essencialmente se apoiando sobre as propriedades da língua japonesa que Lacan vai afirmar que “os japoneses são inanalísáveis – em sua língua seria preciso juntar aqui o meu sentido”.

Lacan avança:

Nós aprendemos que em japonês a menor coisa é aí sujeita às variações no enunciado, que são as variações de polidez¹² [*politesse*], vocês terão aprendido alguma coisa. Terão aprendido que em japonês a verdade reforça a estrutura de ficção que eu aí denoto, justamente a de a enquadrar nas leis da polidez. Singularmente, isso parece trazer o resultado disso que não teria nada a defender do recalcado, pois o recalcado ele mesmo procura abrigo desta referência à letra. Em outros termos, o sujeito é dividido pela linguagem, mas um de seus registros pode se satisfazer da referência à escritura e outro do exercício da palavra.

Para concluir:

Nada a defender do recalcado, na língua japonesa?

É o que sublinha Lacan no prefácio da edição de seus *Escritos* em japonês nestes termos (27/01/1970):

Dito isto, do Japão não espero nada. E o gosto que peguei de seus usos, verdadeiramente de suas belezas, não me faz mais esperar nada. Notadamente não ser aí entendido. Não que os japoneses não tenham a orelha. Tudo que pode se elucubrar de discurso no mundo, eles traduzem, traduzem, traduzem tudo que a eles parece de legível: e eles disso têm muita necessidade. De outro modo eles não creem: assim, eles se dão conta. Somente isso: no meu caso, a situação é para eles

¹² Outros termos possíveis: *cortesia* e *etiqueta*.

diferente. Justamente porque é a mesma que a deles: se eu não posso crer aí, é na medida onde isso me concerne.

Mas isso não constitui, entre mim e os japoneses, um fator comum.

Eu tento demonstrar aos mestres, aos universitários, aos históricos, que um outro discurso que não o deles acaba de aparecer.

Já que sou apenas eu a segurá-lo, eles pensam estar livres dele ao atribuí-lo a mim, mediante o que tenho uma multidão para me escutar.

Multidão que se engana, pois é o discurso do psicanalista, o qual não me esperou para estar no lugar.

Mas isso não quer dizer que os psicanalistas o saibam.

Nós não entendemos o discurso do qual somos nós mesmos o efeito.

Nota marginal: isso se pode de todo modo. Mas assim nos fazemos expulsar por aquilo que faz corpo deste discurso. Isso chega a mim então.

Retomo a nota: os japoneses não se interrogam sobre seu discurso; eles o retraduzem, e naquilo mesmo que acabo de dizer. Eles o fazem com frutos, entre outros do lado do Nobel.¹³

Sempre o snobelismo [*toujours le snobelisme*].

O que, então, o fato de minhas dificuldades pode fazer a eles com um discurso de psicanalistas ao qual ninguém entre eles que encontrei jamais se interessou? Senão ao título de etnologia da população americana, onde isso só aparece como detalhe.

O inconsciente, (– para saber o que é, ler o discurso que estes *Escritos* consignam para ser aquele de Roma –), o inconsciente, digo, é estruturado. Como uma linguagem.

É isso que permite à língua japonesa de colmatar as formações tão perfeitamente que pude assistir à descoberta por uma japonesa daquilo que é um chiste. De onde se prova que a palavra chiste [*mot d'esprit*] é no Japão a dimensão mesma do discurso mais comum, e por isso ninguém que habita essa língua tem necessidade de ser psicanalisado, senão para regularizar suas relações com as máquinas – com clientes simplesmente mecânicos.

Para os seres verdadeiramente falantes, o on-yomi basta comentar o kun-yomi. A pinça que eles fazem um com o outro é o bem-estar daqueles que eles formam naquilo de que saem tão frescos como um waffle quente [*gaufre chaude*].

Todo o mundo não tem a felicidade de falar chinês em sua língua, para que ela seja um dialeto, nem sobretudo – ponto mais forte – de ter capturado uma escritura tão estrangeira em sua língua que isso aí produz uma medida tangível a cada instante à distância do pensamento, seja do inconsciente, à fala. Seja a diferença tão escabrosa a liberar nas línguas internacionais, que são tidas como pertinentes para a psicanálise.

Se eu não temesse o mal-entendido, eu diria que para quem fala japonês, é performance usual dizer a verdade pela mentira, é dizer, sem ser um mentiroso.

¹³ *Ils le font avec fruit, entre autres du côté du Nobel*. Trecho de difícil tradução; provavelmente uma referência a Yasunari Kawabata, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1968.

Demandaram-me um prefácio para minha edição japonesa. Disse aí o que penso sobre isso de que, quanto ao Japão, não tenho nenhuma ideia, a saber: qual é o público.

De sorte que tenho vontade de convidá-lo a fechar meu livro, assim que esse prefácio for lido! Terei a esperança de ter deixado uma lembrança indulgente.

Eu temo que ele persiga, no sentimento onde sou de jamais ter tido, no seu país, a “comunicação” que se opera no discurso científico, aqui gostaria de dizer: através do quadro negro.

É uma “comunicação”, que não implica que mais de um aí compreenda o que significa, quando mesmo que aí tenha havido um.

O discurso do analista não é o científico.

A comunicação aí repercute um sentido. Mas o sentido de um discurso não se procura jamais que dum outro.

Agora imaginemos que no Japão, como em outros lugares, o discurso analítico se torne necessário para que subsistam os outros, quero dizer: para que o inconsciente reencontre sua via de sentido.

Da forma como aqui é feita a língua, não teríamos em meu lugar necessidade de nada além de uma caneta [*un stylo*].

Eu, para ter este lugar, é preciso um estilo [*un style*].

O que não se traduz, fora da história de onde eu falo.

O que disso se aplicaria para os chineses?

A resposta se dá ao se evocar o que Lacan dizia de François Cheng: “Se ele compreende o que eu digo, ele está ferrado em relação à sua língua materna”.

27 de junho de 2013.¹⁴

¹⁴ Conteúdo publicado no site do autor: <http://www.valas.fr/Patrick-Valas-Qui-est-inanalysable,315>.

Lacan e o chinês (ensaio)

Patrick Valas

Para Lacan, acho que a escrita de caracteres chineses é um traço de "diferença absoluta", como sendo capaz de aparecer em termos de significar os "famosos traços de memória" gerados pela percepção, dos quais Freud fala como constituintes do inconsciente, e que Lacan, desde o início de seu ensino, define como sendo "estruturado como uma linguagem".

Ele atribui a paternidade a Freud.

Freud não tinha o termo significante, nem o de estrutura, e, no entanto, Lacan lê o inconsciente freudiano nesses termos, como em seu Projeto (nunca publicado por Freud durante sua vida) e encontrado em seus arquivos em 1945.

Lacan então demonstra que é uma questão da "Estrutura" que Freud descreve em seu Projeto.

Lacan também diz que observamos que essa escrita chinesa é tal que é nas "modulações da fala" que cada ideograma muda de significado.

Vai além, o significado é, portanto, distinto do significante e é gerado a partir dele.

Sabemos que Lacan encontrará nos estoicos a diferença entre os *signans* (significantes) e os *signatum* (significados).

A esse respeito, ele inverte a proposição de Saussure, que Freud não conhecia.

Saussure de fato descreveu que o significado é a corrente superior das águas do rio e o significante está abaixo e flui na direção oposta.

Mas Lacan reverte esse esquema, o significante está acima e o significado está abaixo.

Finalmente, Lacan desafiará François Cheng, dizendo que se ele entendeu Lacan, ele estava ferrado em relação à sua língua materna (chinês).

O que Cheng contesta desde que entrou na Academia Francesa!

Ele diz que pode se locomover nesses dois idiomas, francês e chinês.

Quando sabemos o que é essa Academia Francesa, o que torna seus membros "imortais", fazendo você esquecer que é a linguagem que na verdade o é.

Sempre e depois de nossa morte.

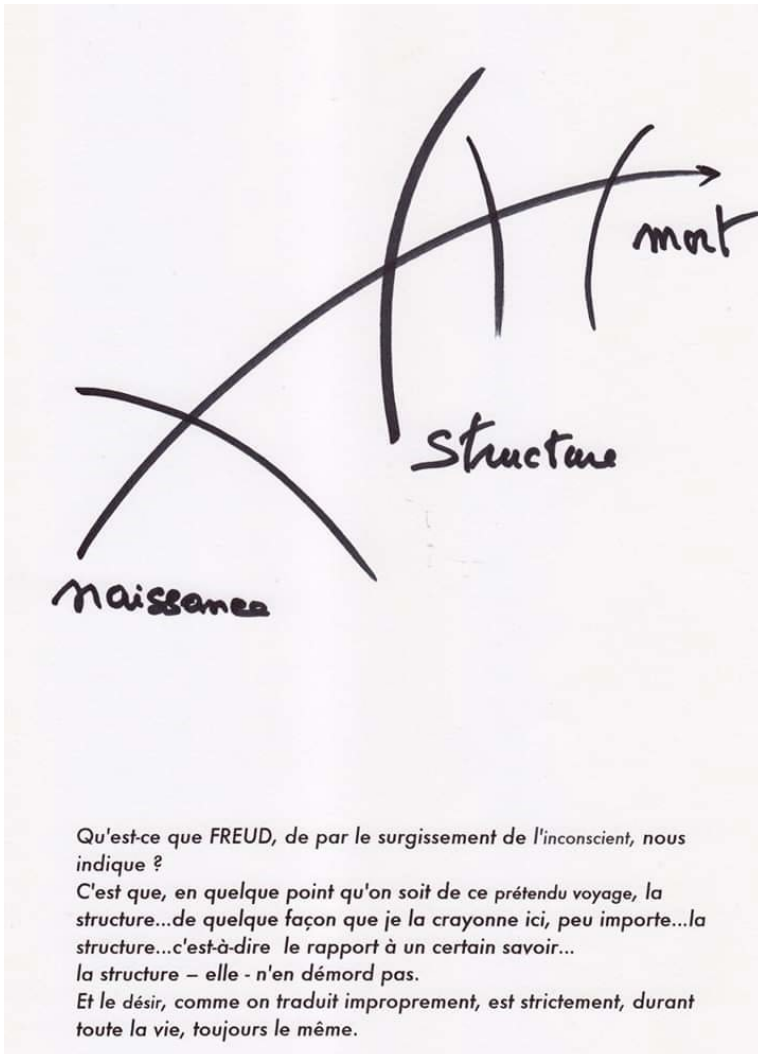
François Cheng acabou publicando que Lacan era um pé no saco.

As leis da hospitalidade e a polidez requintada da escrita poética chinesa foram esquecidas.

O último esquema desenhado por Lacan no quadro lembra estranhamente uma escrita caligráfica.

1 de agosto de 2020.¹⁵

事竟成 有志者 移



¹⁵ Ensaio publicado na página pessoal do autor no Facebook, disponível em: <https://www.facebook.com/pvalas/posts/3613177748716252>. Acesso em: 3 de agosto de 2020.